Três mulheres em seus tempos: vivências de portuguesas no Brasil, da Colônia aos nossos dias

Etelvina Maria de Castro Trindade
UFPR / Universidade Tuiuti do Paraná

Após muito tempo de atenção aos destinos coletivos, pode-se afirmar que o indivíduo está novamente presente nas reflexões dos historiadores. Dentro dessa nova preocupação, o gênero biográfico vem ganhando espaço em estudos voltados à restauração do papel dos indivíduos na construção dos laços sociais,[1] trazendo à tona a temporalidade onde se desenrolam as vidas humanas, sem descartar a influência do contexto maior em que os sujeitos estão inseridos.[2] Faz-se, assim, uma "história pessoal que não tenta substituir outras formas de história ... nem é um substituto para o estudo do comportamento coletivo, instituições e comunidades, mas sim, seu complemento".[3] Diferentemente da biografia tradicional que priorizava demasiadamente o indivíduo, fazendo a história dos grandes vultos, essa nova abordagem busca hoje articular as trajetórias individuais aos contextos nos quais elas se realizaram, como via de mão dupla. Nesse caso, a biografia pode desenvolver, além das interpretações sobre a época em viveu certo personagem, outras perspectivas que mos-

1 CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas e propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, p. 97-113, 1994.

2 REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas*: a experiência da microanálise. São Paulo: Ed. FGV, 1998. p. 62-3.

3 ZELDIN, T. História pessoal e história das emoções. *História: Questões & Debates*, ano 12, n. 22/23, p. 33, jun./dez. 1991.

trem suas experiências particulares, passagens pitorescas de sua vida e, até mesmo, suas emoções e sentimentos mais ocultos.[4]

Por esses motivos, a história de três portuguesas radicadas no Brasil, em épocas diversas, que se valeram da pena enquanto vivenciavam a ambigüidade que todo imigrante experimenta, é um rico campo de análise das representações específicas do processo imigratório, em que se entrecruzam as vivências abandonadas e a inevitável construção de uma identidade diferenciada.

As cartas da primeira, os artigos da segunda e as reflexões da terceira nos permitem uma aproximação com essas personagens que, ao relatarem seus pensamentos e seu cotidiano, fornecem coordenadas para uma análise, não só de sua vivência pessoal, mas das conjunturas em que viveram e do papel das mulheres naquelas sociedades.

MARIA BÁRBARA MADUREIRA, A MULHER DE NEGÓCIOS

A primeira dessas mulheres é Maria Bárbara Madureira, natural de Penafiel, no interior norte de Portugal, nascida em algum ano da década de 1770. Proveniente de uma família da aristocracia rural, é de admirar o fato de ser letrada numa época e numa sociedade em que as mulheres nascidas no campo permaneciam, na maior parte dos casos, alheias à instrução.

Antonio Pinto da França, no prefácio de sua obra *Cartas Baianas*, descreve Maria Bárbara como "mulher opulenta, vigorosa e ruiva", conquanto bela. Aos dotes físicos acrescentavam-se os intelectuais: Maria Bárbara citava Camões, reproduzia máximas latinas e manipulava os conceitos românticos de pátria, nação, independência e poder constitucional.[5]

Sem oportunidade de empreender carreira literária, ou talvez sem vocação para tal, Maria Bárbara também é parte, mesmo sendo portuguesa, do

---

4 SCHMIDT, B. B. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, p. 15, 1997.

5 FRANÇA, A. O. P. da. Introdução. In: *Cartas Baianas*. 1821-1824. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1980.

universo letrado feminino que começava a se delinear no Brasil nas primeiras décadas do século 19. Suas cartas – dirigidas ao marido, Luís Paulino Pinto da França, então representante brasileiro nas Cortes Portuguesas – deixam perceber a experiência de uma mulher que, em sua província de adoção, a Bahia, chamou para si a difícil administração dos bens familiares na ausência, e depois morte, do marido, embora pudesse delegar essa função a seus filhos, homens e adultos.

Analisadas em seu aspecto estritamente formal, em seu estilo e linguagem, as cartas de Maria Bárbara, escritas entre 1821 e 1822, fornecem rica informação sobre a visão de mundo de uma época e podem levar ao exame mais aprofundado do perfil de uma mulher da região açucareira, no início do século 19.

No campo econômico, como proprietária de engenho e sua administradora na ausência do marido, Maria Bárbara entra para o rol de chefes de domicílio, o que não era incomum às mulheres do período colonial, responsáveis pela gestão de bens e negócios, na falta provisória ou definitiva do cônjuge. Trechos de uma carta enviada ao cônjuge, em abril de 1822, dão conta das múltiplas tarefas que lhe cabiam, como acontecia com qualquer mulher que estivesse à testa de um empreendimento, naquela época: "fico de acordo sobre dar as caixas que são determinadas, mas vou fazer assinar as letras, pois no banco não querem firmas de senhoras" (Carta de 15 de abril de 1822). O relato da recusa feita à "firma de senhoras" é tranqüilo, mais uma constatação do que uma queixa. Maria Bárbara não era, com certeza, uma feminista *avant la lettre*. Utilizava, apenas, estratégias que visavam resolver seus problemas mais imediatos. No mais, aceitava, simplesmente, as injunções que a situação lhe trazia, assumindo as mais variadas obrigações.

Porém, embora a época difícil e agitada em que foram escritas as cartas não permitisse atividades sociais mais intensas, percebe-se, pelas informações de que se dispõe, que as mulheres, ao menos as da elite, tinham acesso ao que se passava nos círculos dirigentes. No caso de Maria Bárbara, seus comentários sobre a situação em curso na Bahia demonstram um acompanhamento constante dos eventos políticos, sobre os quais emitia opiniões e tomava posição. Em 15 de abril de 1822, por exemplo, manifestava-se a respeito da atuação do governo, prevendo a necessidade de uma ação imediata por parte dos deputados para evitar as desordens que ocorriam na Província, onde, a seu

ver, não havia "tropas organizadas, bons comandantes ou oficialidade honesta" (Carta de 15 de abril de 1822).

De outra origem era a visão de Maria Bárbara a respeito da rivalidade entre portugueses e brasileiros; ela desejava a co-participação, rejeitava os radicalismos e aconselhava agir-se com doçura e igualdade. Aliás, todas as suas posições a respeito de tais antagonismos estavam eivadas de um sentimento de amor ao Brasil e à Bahia: "Ah! Se eu via a pobre Bahia arrasada por capricho de Manoel Pedro [general das tropas] ... não sei o que seria de mim..." (Carta de 2 de março de 1822).

Em outra missiva, enviada posteriormente, continuava declarando: "Oh! Luis, se tivessem seguido os teus conselhos, nada disso aconteceria. Portugal não perderia o Brasil e o Brasil não se perderia a si" (Carta de 24 de agosto de 1822). Esse dualismo fazia, aliás, parte do pensamento dos portugueses radicados no Brasil, e também de muitos brasileiros, para os quais a melhor solução para os conflitos existentes entre as duas nações seria conservar unidos os dois reinos, mantendo-se a autonomia administrativa do Brasil.

Nesse contexto, Maria Bárbara não se via como uma imigrante, tal como se concebe nos estudos atuais. Residente em além-mar, sim, mas sempre uma fiel súdita de El Rei e uma residente no vasto Império Português.

MARIANA COELHO, A FEMINISTA

Segunda personagem deste estudo, Mariana Coelho nasceu em Sabrosa, Portugal, em 1873, e chegou a Curitiba, então uma pequena cidade do sul do Brasil, aos 19 anos, em 1892. Ali radicada, participou ativamente da vida social e intelectual da cidade como educadora, jornalista, poeta e prosadora.

Ao final do século 19, e no início do século 20, Curitiba era uma cidade que tentava acompanhar as recentes tendências nacionais e também as internacionais. Para isso, buscava a remodelação de seus espaços físicos, bem como a modernização de sua sociedade e de seus costumes. Os condutores dessa mudança pertenciam a um ativo círculo de intelectuais, livres-pensadores, que florescia em seu meio, mercê da pouca influência exercida pela Igreja Católica cuja hierarquia, sediada em São Paulo, estava a uma distância que impedia

ação mais ativa em terras paranaenses. Dessa forma, Mariana encontrou na cidade uma grande possibilidade de interlocução com os pensadores locais. Logo de início, engajou-se ativamente em diversos grupos intelectuais, destacando-se em três frentes de atuação: a educação, a literatura e o movimento feminista.

Escritora desde os 14 anos, começou suas atividades literárias em Portugal, onde redigia poesias para o jornal *Comércio de Vila Real*. Em Curitiba, prosseguiu nessa atividade com vasta e ininterrupta produção. Publicou matérias em jornais e revistas e escreveu vários livros. O mais famoso deles é *Evolução do feminismo*, publicado em 1933, por tratar exaustivamente de um assunto pioneiro na época.[6]

Efetivamente, desde o início do século 20 travavam-se, em todo o mundo ocidental, extensas discussões sobre a possibilidade de uma participação ativa e responsável das mulheres na vida em sociedade, no mercado de trabalho e na esfera política. Em Curitiba, o ano de 1901 foi palco de um debate que trouxe às colunas do *Diário da Tarde* opositores e defensores da causa emancipadora. No ardor dessa polêmica, a feminista Mariana Coelho censurava à professora francesa Georgina Mongruel o conservadorismo de uma argumentação que conferia ao gênero feminino o eterno papel de "conspiradora de alcova". Mariana opunha-se às condições atribuídas socialmente à mulher, tentando atrair a interlocutora para o campo de suas reivindicações:

> Sumariando: sou suficientemente sensata para admitir que a mulher abandone o atraente lugar que desde sempre lhe está marcado no lar, mas sou também essencialmente progressista para não admitir que ela acompanhe convenientemente o progresso, porque entendo que aceitá-lo, excluindo-a, equivale ao absurdo imperdoável de nivelá-la, em parte, com os irracionais. (*Diário da Tarde*, 1901)

Assim, defendendo os direitos civis e políticos das mulheres, Mariana embrenhou-se, cada vez mais, em uma atividade que, pela escrita e pela ação, acompanhou-a da juventude à idade madura, até a morte:

> Mulher, estrangeira, e "dada às letras", foi igualmente inevitável que Mariana Coelho encontrasse certas dificuldades no meio intelectual curitibano, predominantemente masculino e bastante conservador. Várias foram as polêmicas em que

6 COELHO, M. *Evolução do feminismo* (1925). Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.

se envolveu, dentre as quais se destaca a publicada nos jornais *O Commércio* e *Diário da Tarde*, a propósito do livro *Pelas Tradições*, de autoria de Júlio Pernetta, jornalista e escritor anticlerical. Nessa obra, o autor criticava duramente a colonização portuguesa no Brasil e o tratamento desumano que os lusos deram ao gentio, posicionando-se, ainda, contra a imigração alemã no Sul do Brasil. Portuguesa e imigrante, Mariana partiu em defesa de suas origens, justificando a atuação dos colonizadores em nome de uma "missão civilizadora".[7]

> Aos filhos de Portugal é grato lembrar que êste maravilhoso sólo paranaense (como, afinal, todo o grande território de Santa Cruz), foi ha quatro séculos explorado pela primeira "bandeira" portuguesa ... E quantas vezes os filhos de Portugal não encontraram, então, a morte, na sua obstinada e vitoriosa labuta para doar ao mundo um Brasil enorme, civilizado, forte e unido![8]

Sua extensa argumentação em favor da terra de origem já não apresentava a retórica conservadora de uma Maria Bárbara, para quem a separação entre Brasil e Portugal era impensável, mas o orgulho de quem se considerava depositária dos bens culturais que deveriam fluir constantemente de um lado a outro do Atlântico.

MARIA HELENA CORREA, A LITERATA

Cem anos depois, novamente em Curitiba, outra imigrante portuguesa retoma uma vez mais o dilema que acompanha as vidas desenraizadas que subsistem, bem ou mal, em terras estranhas. No início do século 19, Maria Bárbara enfrentara o desgosto da viuvez e a necessidade de ser esteio da família, num momento de intensas lutas nacionalistas. Nas primeiras décadas do século 20, Mariana se deparava com uma sociedade que, embora a tenha acolhido nos meios literários, rejeitava suas idéias avançadas e seu modo combativo de apresentá-las.

Maria Helena Correa, a Maria do século 21, é porém muito diferente das outras: sua condição financeira, em Portugal e posteriormente na pátria

---

7 SILVESTRIN, M. L. Do bom uso da palavra: o intelectual na obra de Mariana Coelho. (Monografia de final de curso)– UFPR. Curitiba, 2000. p. 32-50. (mimeo).

8 *Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil*, 1929, p. 428.

de acolhida, era extremamente precária. Além disso, emigrara, ainda criança, aos seis anos de idade: "Sou uma imigrante involuntária – escreve ela – com seis anos, que direito se tem de escolher?".[9] Sua grande motivação durante a viagem era uma boneca (a primeira) que lhe haviam prometido.

Em São Paulo, viu-se instalada em uma casa de família onde a mãe, que a precedera, era empregada doméstica. Corria o ano de 1956 e na cidade grande tudo era estranheza para a pequena aldeã. A saída de Portugal: "fui arrancada dos braços de minha avó eternamente enlutada e cega", e a chegada ao Brasil, "arrancada do chão da minha terra, dos sons, das cores e dos cheiros da minha aldeia para ser "plantada" em São Paulo, uma das maiores cidades do mundo", são lembranças ainda dolorosas nos escritos de Maria Helena.[10] No entanto, seu currículo mostra a superação das dificuldades iniciais. Fez os primeiros estudos em escola municipal, mas conseguiu depois cursar o colégio Santa Marcelina e a Licenciatura em Letras da Universidade de São Paulo. Foi professora em São Paulo e Joinville, e o é, atualmente, em Curitiba. Amante das Letras – "sou uma leitora compulsiva ... leio tudo o que me cai nas mãos ou surge à frente de meu nariz"[11] –, redigiu séries didáticas premiadas e tornou-se escritora, ainda inédita, de muitos textos intimistas.

Das três Marias, ela é, no entanto, a que carrega, em seus escritos, maior nostalgia, sendo mais suscetível ao que chama "saudades portuguesas". Conserva cuidadosamente relíquias da antiga casa, em Trás-os-Montes, posteriormente visitada: uma pedra de xisto retirada das ruínas, uma porção de terra resguardada num recipiente de vidro, "a salvo da poeira brasileira...".[12]

Em seus textos, perpassa a angústia de uma dupla identidade, constatada ao voltar à sua terra natal: "Sim, aqui e agora eu sou estrangeira. Morando aqui por alguns meses, descobri que sou 'a portuguesa' no Brasil e 'a brasileira' em Portugal. Como tantos emigrantes que voltam (para morar ou não), sinto-me apátrida: não sou nem de cá, nem de lá. E essa descoberta rói a alma, dói no coração".[13]

---

9 CORREA, M. L. *Crônicas*. Curitiba, 2003.

10 Ibidem.

11 CORREA, M. L. *Entrevista*. Curitiba, 2007.

12 Ibidem.

13 Ibidem.

Enquanto Maria Bárbara e Mariana vivenciavam simultaneamente, e mais tranqüilamente, as duas nacionalidades, Maria Helena se percebe apátrida: não é brasileira, e muito menos, portuguesa. Mesmo consciente da situação precária daqueles que ficaram "na terra", e orgulhosa do conforto que atualmente goza em sua nova pátria, apega-se a memórias de uma infância de "pés no chão, cabelos ao vento e roupas puídas".[14] E constata as transformações inevitáveis que o desterro traz: "e a pequena aldeã foi lapidada na marra. O jeito agreste foi substituído pela etiqueta artificial das metrópoles; a simplicidade lhe foi roubada e a poeira dos olivais, que trouxera nos cabelos, escorreu pelo ralo. Bastaram alguns meses para que da antiga portuguesinha ficassem poucos rastros".[15]

Imigrante de final do milênio, Maria Helena traz consigo uma capacidade de reflexão, ausente em suas conterrâneas dos períodos anteriores, sobre "o ser imigrante", mercê possivelmente do fenômeno de individualização que acompanhou o advento dos tempos modernos. Embora aparentemente resista às benesses da modernização, valeu-se do arcabouço que lhe era fornecido para conseguir ascensão social e financeira. Nesse contexto, Portugal se transforma para ela em um mito sempre evocado, no lamento sem fim de não ter conseguido lá as condições que usufrui aqui.

A consciência acurada de sua condição faz dela a figura que mais intensamente personifica um lado culturalmente construído na condição do imigrante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em obra recente, a historiadora Natalie Zemon Davis traçou o perfil de três mulheres do século 17, recuperando a condição feminina e o cenário cultural europeu da época. Para tanto, utilizou os escritos pessoais e as cartas dessas mulheres, no intuito de compreender suas trajetórias e o mundo que viveram.[16] A situação das "heroínas" de Davis pode servir de parâmetro para a

---

14 CORREA, M. L. *Eu, uma imigrante brasileira.* Curitiba, 2003. (inédito).

15 CORREA, 1987.

16 DAVIS, N. Z. *Nas margens*: três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

análise da vida e dos escritos das três Marias em estudo. Como aquelas, estas são também mulheres que vivenciaram realidades nem sempre favoráveis, superando-as da melhor forma possível.

Sendo portuguesas, muitas vezes sentiram e agiram como tais, em que pese a situação vivida no Brasil em suas épocas. Uma posição em que se debate a filiação a duas pátrias, num verdadeiro conflito de identidade.

Por muitas razões, entretanto, não estiveram tanto às margens da sociedade como suas companheiras do início do mundo moderno. Suas vidas foram, talvez, menos atribuladas, o que não impede de as vermos como mulheres que enfrentaram corajosamente seus desafios. A sociedade brasileira que as recebeu, com sua cultura peculiar, sua consciência política e social e sua capacidade de iniciativa, esteve ao menos preparada para acolhê-las e admirá-las.